



GT 14. Antropologia dos Povos Tradicionais Costeiros: Práticas Sociais, Territórios e Conflitos

Coordenador(es):

José Colaço Dias Neto (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Francisca de Souza Miller (UFRN - Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

Sessão 1 - Gênero, Comunidades e Conflitos

Debatedor/a: Luceni Hellebrandt (UFPEL - Universidade Federal de Pelotas)

Sessão 2 - Conflitos, Processos e Resistências

Debatedor/a: Edna Ferreira Alencar (UFPA - Universidade Federal do Pará)

Grupos sociais que vivem do extrativismo e da agricultura, entre outras activities – tais como pescadores artesanais e ribeirinhos em geral – foram ou são habitantes de regiões costeiras e historicamente têm sido impactados por diversos fenômenos. A expansão metropolitana, os desastres ambientais de grandes proporções, o turismo em pequena e larga escala, as formas de controle oficial em áreas de interesse ecológico, são alguns processos que vem reconfigurando o uso e a ocupação de territórios costeiros e ribeirinhos no Brasil. Este Grupo de Trabalho pretende reunir pesquisas empíricas em andamento e tem como um de seus objetivos o cruzamento de diversos olhares sobre estes fenômenos, em especial àqueles de caráter etnográfico, que evidenciem conflitos e tensões entre as populações “tradicionais” e os vários modelos de uso e ocupação destes territórios costeiros e ribeirinhos. Reflexões sobre o manejo de ecossistemas, as formas de organização política destas populações, suas estruturas econômicas, bem como os conflitos suscitados por diferentes processos e agentes sociais – sobretudo agências estatais, organizações não governamentais e empresas – são alguns dos aspectos que serão discutidos nesta activity.

Entre remadas e maresias: um estudo sobre os ribeirinhos que coletam nas margens do Rio Amazonas

Autoria: José Luis dos Santos Leal (UNIFAP - Universidade Federal do Amapá), Fernanda Lima Bastos

O trajeto da viagem de navio Macapá, Amapá/Belém, Pará, apresenta uma vasta e rica exposição ao ar livre da imponente beleza amazônica e ribeirinha, um conjunto de paisagens pintadas ao longo dos anos com cores e traços da nossa gente, do nosso povo, das nossas especificidades. São cores e traços que remontam uma história de luta e resistência, de um processo diário e contínuo de resistir à fantasiosa fala do progresso da nação. Este work é fruto da pesquisa que está em andamento, e é intitulada, “Contidos pela esperança: as tramas das relações entre os ribeirinhos e os passageiros do Navio Ana Beatriz IV?”. As reflexões para este work são resultados de análises de 2019, e concentram-se nas localidades que integram a “Baía do Videira Grande, Vila São Benedito, Vila Roplandi e a entrada do Rio Jacaré Grande” no estado do Pará. O presente artigo pretende discutir as tramas das relações ao qual estão inseridas as famílias que coletam objetos que são lançados no rio pelos passageiros dos navios que fazem o trajeto Macapá-AP/Belém-PA/Macapá-AP, assim, pretende-se conhecer as motivações e particularidades dos indivíduos que se lançam ao rio para coletar objetos, em especial roupas e brinquedos. A pesquisa desenvolveu-se a partir das seguintes vertentes: a) Pesquisa bibliográfica; b) Pesquisa de campo com a realização de entrevistas abertas com os tripulantes do Navio Ana Beatriz IV, com os indivíduos que lançam objetos no rio (que em muitos casos são microempresários), e as famílias que coletam esses objetos no Rio Amazonas (Mulheres das Vilas São



Benedito e Roplandi). As análises partes das expressões contidas no grupo de indivíduos que compõem os arranjos ribeirinhos, uma condição de vida humana cuja posição está relacionada diretamente com o movimento dos rios da região amazônica. Todos os dias centenas de pessoas fazem o trajeto de navio que sai de Macapá em direção ao porto hidroviário de Belém. E nesse trajeto, os passageiros do navio começam a lançar para o rio, objetos, roupas, comidas e muitas vezes até dinheiro sempre quando avistam uma família e/ou uma pessoa dentro de canoas nas margens do rio que cobre aquela comunidade. E neste trajeto, centenas de famílias se lançam rio adentro em busca das novidades trazidas pelo homem da cidade, são objetos, roupas e alimentos lançados no rio por aqueles indivíduos que de alguma forma distribuem esperança. Por aqueles poucos solitários contagiados pelo doce etílico produzido pelo bar do navio, que começam desesperadamente lançar objetos até mesmo quando não se tem canoa a vista. Desta mistura de tramas de emoções e percepções a muito ainda para se aprender sobre o verdadeiro significado do sentido de comunidade, de resistência e de reciprocidade.



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: